

**juventude em movimento:
traçando novas rotas para segurar o céu**

**youth on the move:
charting new routes to hold the sky**

Priscila Savio Moreira

Gestora Ambiental

Parque Estadual Ilha Anchieta

Ubatuba, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6656-5551>

Yasmin Defacio Saracho

Artista e Ambientalista

CEFLOMAR

São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2709-2896>

Ana Carolina Oliveira Souza

Engenheira Florestal

CEFLOMAR

Ubatuba, SP

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4117-1338>

Érica Sanches

Artista plástica e Ceramista

Ubatuba, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8368-5143>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17409361>

Resumo: O presente relato compartilha a trajetória do Coletivo Educador Floresta e Mar (CEFLOMAR), iniciativa de educação socioambiental crítica voltada à juventude de Ubatuba (SP). Criado em 2022, o coletivo articula saberes tradicionais, arte-educação e justiça climática, promovendo vivências formativas no Parque Estadual da Ilha Anchieta (PEIA) / Fundação Florestal e em outros territórios estratégicos, em diálogo com comunidades indígenas, bairros periféricos e movimentos culturais juvenis. Os encontros envolvem trilhas interpretativas, rodas de conversa, oficinas artísticas e criações com resíduos, promovendo uma integração entre práticas ambientais e expressão cultural. As ações fortalecem vínculos entre juventudes e território, incentivando o pensamento crítico e o letramento socioambiental por meio de experiências sensíveis e coletivas. A presença de jovens indígenas, periféricos e artistas locais amplia a diversidade e o impacto das formações. A atenção aos aspectos

logísticos, como transporte e alimentação, é essencial para garantir uma participação digna e efetiva. O relato mostra como a integração entre arte, natureza e políticas públicas pode transformar unidades de conservação em espaços pedagógicos vivos. O CEFLOMAR se firma como elo entre sociedade civil e instituições, promovendo ações educativas que enfrentam os desafios climáticos e sociais com afeto, criatividade e mobilização coletiva.

Palavras-chave: (1) Arte-educação; (2) Clima; (3) Socioambiental; (4) Coletivo; (5) Formação.

Abstract: This report shares the trajectory of the Forest and Sea Educator Collective (CEFLOMAR), a critical socio-environmental education initiative aimed at youth in Ubatuba, São Paulo. Created in 2022, the collective articulates traditional knowledge, art education, and climate justice, promoting formative experiences in the Anchieta Island State Park (PEIA) / Forestry Foundation and other strategic territories, in dialogue with Indigenous communities, peripheral neighborhoods, and youth cultural movements. The meetings include interpretive trails, discussion groups, art workshops, and waste-based creations, fostering integration between environmental practices and cultural expression. These initiatives strengthen ties between youth and the region, encouraging critical thinking and socio-environmental literacy through sensitive and collective experiences. The meetings include interpretive trails, discussion groups, art workshops, and waste-based creations, fostering integration between environmental practices and cultural expression. These initiatives strengthen ties between youth and the region, encouraging critical thinking and socio-environmental literacy through sensitive and collective experiences.

Keywords: (1) Art education; (2) Climate; (3) Socio-Environmental; (4) Collective; (5) training.

Introdução

O território

Considerando o contexto dos municípios de Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião e Ilhabela que compõem o Litoral Norte paulista e que juntos possuem por volta de 300 mil habitantes e sua representativa biodiversidade do bioma Mata Atlântica, que também possui ecossistemas frágeis como manguezais e restingas, além das matas de encosta a região se destaca de alta relevância para o estado de São Paulo. Além disso, esses municípios possuem altos índices pluviométricos, Ubatuba mais especificamente tem áreas que apresentam um dos maiores totais pluviométricos do Brasil (SANT'ANNA NETO 1990), esse fato somado à urbanização desordenada amplificam os riscos de enchentes e deslizamentos e sua vulnerabilidade frente às mudanças do clima.

A região, devido a suas características é de extrema relevância e neste relato, iremos compartilhar ações realizadas no município de Ubatuba, que sob o olhar do aspecto socioeconômico há evidências de força motriz no setor de turismo, o que pode proporcionar a geração de empregos, e também evidências no setor imobiliário, no número elevado de infraestruturas destinadas à veraneio e geração de renda, as chamadas de “segunda residência” (Diagnóstico Urbano Socioambiental 2013). Ainda sobre os empregos, vale destacar que parte são informais. Há uma série de desafios na conciliação entre o desenvolvimento econômico da cidade e a sustentabilidade, como por exemplo: o desenvolvimento de políticas públicas integradas e com participação social que visem melhorias na infraestrutura, no saneamento, na coleta de resíduos e na habitação social.

Além da notável riqueza em biodiversidade presente no município de Ubatuba, é igualmente essencial destacar a presença e a relevância sociocultural das comunidades tradicionais e originárias, como os povos indígenas, quilombolas e caiçaras. As comunidades preservam modos de vida que valorizam os saberes ancestrais e promovem o uso sustentável dos recursos naturais, constituindo-se como agentes fundamentais na conservação ambiental e na transmissão de conhecimentos intergeracionais. No que se refere aos povos indígenas, encontram-se no território quatro aldeias: *Akaray-Mirim*, *Boa Vista*, *Rio Bonito* e *Renascer*. Entre os quilombolas, destacam-se as comunidades de *Camburi*, *Fazenda*, *Sertão do Itamambuca* (*Casanga*) e *Caçandoca* (ALVES 2024). Já os caiçaras estão distribuídos em diversas localidades costeiras e áreas rurais do município, mantendo práticas culturais e produtivas tradicionais ligadas ao mar, à terra e à floresta.

Apesar de sua importância histórica, cultural e ecológica, essas comunidades enfrentam desafios estruturais persistentes, como a regularização fundiária de seus territórios, o acesso limitado a políticas

públicas e a ameaça à preservação de seus modos de vida. Ainda assim, protagonizam experiências significativas de resistência e desenvolvimento sustentável, por meio de iniciativas como o turismo de base comunitária, a produção agroecológica e o artesanato tradicional, reafirmando sua autonomia e capacidade de adaptação frente às pressões externas.

Além das comunidades tradicionais e povos originários, Ubatuba possui uma série de bairros periféricos que enfrentam diversos desafios. Um deles, chamado Ipiranguinha, localizado próximo ao centro, enfrenta altos índices de vulnerabilidade social, transtornos urbanos e menores investimentos em infraestrutura. Outros em zona rural ou próximo a elas, como *Casanga (Sertão do Itamambuca)*, *Sertão da Quina*, *Maranduba*, *Araribá*, *Lagoinha* e *Caçandoca* sofrem pelas deficiências em acesso à transporte público, energia elétrica e saneamento, segundo o *Instituto Água e Saneamento*, cerca de 23% da população não tem água e 58% não tem esgoto.

Por fim, o município de Ubatuba se destaca como um território estratégico para a conservação ambiental, com cerca de 80% de seu território protegido por unidades de conservação, como o *Parque Estadual da Serra do Mar* e o *Parque Estadual da Ilha Anchieta*. Além da proteção do maretório pela *Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral* (APAMLN).

No contexto do cenário de Ubatuba, e de sua preservação cultural e ambiental, surge a articulação de um coletivo educador em novembro de 2022, iniciado a partir de diálogos entre a Secretaria Municipal de Educação de Ubatuba junto a lideranças da região com a intenção de incluir pautas, elencadas pelas juventudes, para naquele momento compor a organização para planejamento e realização do *VI Fórum de Educação Ambiental do Litoral Norte*, que aconteceu em Ubatuba em Agosto de 2023.

Coletivo educador

O papel de um Coletivo Educador é promover a articulação de políticas públicas, reflexões críticas, aprofundamento conceitual, instrumentalização para a ação, proatividade dos seus participantes e articulação institucional, visando a continuidade e sinergia de processos de aprendizagem de modo a percolar, de forma permanente todo o tecido social do território estipulado (SORRENTINO 2005).

Apesar da nomenclatura referenciar os coletivos educadores, há grande inspiração no processo metodológico de coletivos jovens de meio ambiente, pois conforme o *Manual Orientador dos Coletivos Jovens de Meio Ambiente*, o objetivo principal de um *Coletivo Jovem de Meio Ambiente* é “promover o protagonismo juvenil na construção de sociedades sustentáveis, incentivando a participação ativa de jovens em processos de educação

ambiental, cidadania e transformação social, por meio da articulação em redes, ações locais e diálogo com políticas públicas.”

Dessa forma, o coletivo educador, nomeado por votação como Floresta e Mar, atua com o objetivo de promover o aprofundamento na temática da Educação Ambiental Crítica e na Justiça Climática, direcionada a realidade do Litoral Norte, especialmente em Ubatuba\SP. As ações se concretizam por meio de projetos, oficinas e vivências formativas, orientadas através de metodologias que integram processos artísticos, educomunicação e articulação popular. Todas as atividades visam sempre respeitar os contextos socioterritoriais, que fortalecem o protagonismo juvenil.

“O objetivo de um Coletivo Educador é promover reflexão crítica, aprofundamento conceitual, instrumentalização para a ação, proatividade dos seus participantes e articulação institucional visando a continuidade e sinergia de processos de aprendizagem de modo a percolar, de forma permanente todo o tecido social da região foco. O Coletivo Educador deve ser demarcado por um território de pertencimento, que pode ser geográfico, setorial ou simbólico (SORRENTINO 2005 Apud ZAQUAL 2003).

Neste sentido, o *Coletivo Educador Floresta e Mar*, em articulação e conjuntamente a diversos *stakeholders* do território, como o *Parque Estadual da Ilha Anchieta* e também a *APA Litoral Norte*, têm promovido uma série de ações formativas e culturais direcionadas à juventude valorizando os saberes locais. Entre essas iniciativas, destacam-se os encontros anuais, realizados de forma contínua há três anos, sendo os dois últimos realizados no PEIA, e cursos como o de mergulho educativo no *Parque Estadual da Ilha Anchieta* (PEIA), que ampliam o vínculo com os ecossistemas marinhos. O coletivo também oferece apoio a movimentos sociais, como as batalhas de rima, e vivenciou o *Programa de Turismo de Base Comunitária* (TBC) da *Tekoa Yakã Porã* (Aldeia Rio Bonito), com objetivo de fortalecer o protagonismo indígena na construção de alternativas sustentáveis de geração de renda e valorização cultural e também incentivar o letramento sobre a diversidade racial presente no território, considerando inclusive que um dos articuladores do CEFLOMAR é morador e jovem liderança da Aldeia.

Além das ações diretas, o CEFLOMAR participa ativamente como ouvinte e articulador em espaços de governança socioambiental, como a *Câmara Técnica de Educação Ambiental do Conselho Municipal de Meio Ambiente de Ubatuba* e o *Comitê de Bacias Hidrográficas do Litoral Norte*, contribuindo com a escuta ativa e a inserção da perspectiva juvenil e comunitária nesses fóruns. Essas articulações demonstram o compromisso do coletivo com a transformação territorial a partir da educação crítica, da justiça ambiental e da valorização de vozes historicamente marginalizadas.

Nesse contexto, reconhecemos a centralidade da juventude como força motriz para a continuidade das lutas socioambientais e para a

construção de futuros sustentáveis. Os jovens são não apenas os futuros ocupantes dos espaços de tomada de decisão, mas também mentores em potencial das novas gerações. No entanto, observa-se um movimento preocupante de defasagem na formação sociopolítica e técnica voltada a esse público, o que compromete sua inserção qualificada nesses espaços estratégicos.

Segundo o Censo 2010, o Brasil possui estimativa de mais de 50 milhões de brasileiros entre 15 e 29 anos, representando 25% da população. Conforme afirmou Kassiadou:

... os jovens têm se destacado como uma população vulnerável em várias dimensões conforme atuais estatísticas de violência, desemprego, gravidez não desejada, falta de acesso à educação e à saúde de qualidade, carência de bens culturais, lazer, esporte, dentre outros. A partir da análise de pesquisas estruturadas segundo uma perspectiva sociológica, é possível verificar que os jovens têm se destacado como uma população de maior vulnerabilidade socioambiental e econômica (KASSIADOU 2013).

Considerando a vulnerabilidade, é fundamental que os jovens tenham acesso a processos formativos consistentes, bem como ao apoio necessário para o fortalecimento de sua autoconfiança, autonomia e repertório crítico. Dessa forma é possível atuar de forma articulada em prol de uma sociedade mais justa e ambientalmente comprometida. Considerando que a juventude se encontra em uma etapa liminar entre a formação e a vida adulta — momento em que se abrem oportunidades concretas de participação política, tanto em nível municipal quanto regional —, torna-se urgente o investimento em ações educativas e de fortalecimento de lideranças juvenis nos territórios tradicionais e periféricos.

Figura 1 - Vista aérea do Parque Estadual da Ilha Anchieta



Considerando a importância fundamental da articulação entre sociedade civil, organizações governamentais e outros atores, o coletivo educador desenvolve aliança com o Parque Estadual da Ilha Anchieta para proporcionar os encontros anuais, com objetivo de formação e vivência para a juventude. O *Parque Estadual da Ilha Anchieta* (PEIA) é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, com 828 hectares de área terrestre e 17 km de costões rochosos. Rico em biodiversidade terrestre e marinha, o parque abriga ecossistemas de Mata Atlântica, praias preservadas, costões e trilhas interpretativas que favorecem a educação ambiental vivencial.

No entanto, seu território é também palco de diversas camadas históricas: desde a presença indígena originária até os tempos do presídio ali instalado, passando pela chegada de imigrantes búlgaros e japoneses, pela rebelião de 1952, entre outros marcos. Essas múltiplas histórias seguem vivas e ressoam nos debates contemporâneos sobre justiça ambiental, direitos humanos e memória social.

O PEIA tem potencial para se consolidar como um espaço essencial de formação crítica, ao integrar vivências como rodas de conversa, atividades de mergulho, trilhas guiadas, exposições culturais e oficinas artísticas. Essas experiências possibilitam que jovens se reconectem com o território, reflitam sobre as relações socioambientais e fortaleçam seu protagonismo. A visita ao parque, portanto, não é apenas um passeio, mas um ato pedagógico e político de ocupação, pertencimento e produção de sentido — especialmente quando articulada a práticas como a arte-educação e a valorização das culturas tradicionais.

Neste relato, compartilharemos principalmente as duas últimas edições do Encontro do Coletivo Educador Floresta e Mar, protagonizado pela parceria entre o Parque Estadual da Ilha Anchieta, o coletivo educador, artistas do território e instituições parceiras.

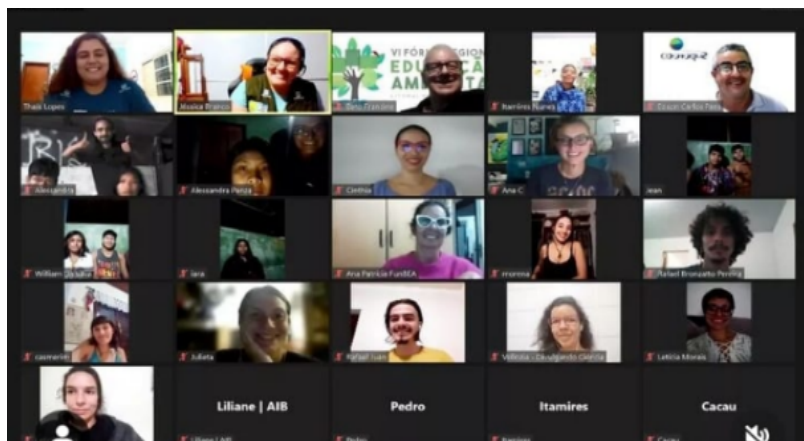
Metodologia

O marco inicial do coletivo educador

Diante da defasagem de oportunidades formativas voltadas à juventude, o *Coletivo Educador Floresta e Mar* (Disponível em: <https://youtu.be/7KVbdqkuOCs>) passou realizar vivências e espaços de formação, por meio de encontros e articulações institucionais. Um marco inicial foi o primeiro encontro remoto, realizado durante o *Fórum de Educação Ambiental do Comitê de Bacias Hidrográficas do Litoral Norte*, que contou também com uma formação especial da Anistia Internacional, voltada especificamente para jovens. Apesar da modalidade online, a realização desse encontro exigiu grande mobilização e parcerias fundamentais, como o *Projeto Albatroz* e o *Instituto Supereco*. Também foi essencial a atuação de articuladores locais na *Aldeia Boa Vista*, o que

garantiu a efetiva participação da juventude Guarani, ampliando o alcance e a diversidade do diálogo.

Figura 2 - 1º Encontro do Coletivo Educador Floresta e Mar



O 2º Encontro do Coletivo Educador Floresta e Mar no Parque Estadual da Ilha Anchieta

O 2º Encontro do CEFLOMAR foi realizado presencialmente no *Parque Estadual da Ilha Anchieta* (PEIA), com apoio da gestão do parque e de diversos parceiros institucionais, como os projetos *Albatroz*, *Tamar*, *Argonauta*, a *APA Marinha do Litoral Norte*, o *Aquário de Ubatuba*, além de artistas locais como a *Batalha do Coreto*, a *Batalha de las Brujas* e *Adriano Art*. Com a participação de cerca de 30 pessoas, o encontro teve um papel fundamental na aproximação entre juventudes de diferentes territórios e expressões culturais (Disponível em: <https://youtu.be/rdeFgloJm84>). Muitos participantes eram integrantes de movimentos culturais urbanos, especialmente das batalhas de rima, o que resultou em três dias marcados por trocas intensas, versos e improvisos. Também marcaram presença jovens Guarani das aldeias Boa Vista e Rio Bonito, fortalecendo a presença indígena nas atividades.

Figura 3 - 2º Encontro do Coletivo Educador Floresta e Mar 2024



Figura 4 - Reunião de Planejamento do 2º Encontro do CEFLOMAR no PEIA



Figura 5 - Filmagens realizadas no 2º Encontro do CEFLOMAR no PEIA (Jovem Bié e *filmmaker* Rafael Galvão).



Vale a pena ressaltar que o recorte territorial foi bem variado, contando com a presença de jovens caiçaras, periféricos e indígenas como mostra o gráfico a seguir:

Figura 6 - Gráfico dos recortes territoriais tidos no 2º Encontro



Após esse encontro, por meio do PEIA e da APAMLN, o CEFLOMAR participou do *Projeto TransformAR* da Associação *Tartaruga Dive*, que busca sensibilizar a juventude, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade social, sobre a importância do oceano da vida humana. As vivências combinam atividades pedagógicas e o mergulho autônomo, contribuindo para a promoção da literacia oceânica no estado de São Paulo. O CEFLOMAR protagonizou evento em parceria com o Instituto de Cultura Oceânica - ICOA, realizado na Pista de Skate, com participação da batalha de rima, movimento *skateboarding* da cidade e das lideranças jovens da *Aldeia Rio Bonito*. Também colaborou com o planejamento e execução da 1ª *Conferência Livre de Meio Ambiente de Ubatuba*, conferência que elegeu uma pessoa jovem como delegada para representar as instâncias estaduais e nacionais. O CEFLOMAR captou recurso via FUNBEA e Lei Aldir Blanc, ambos de 30 mil reais.

O 3º Encontro do Coletivo Educador Floresta e Mar no Parque Estadual da Ilha Anchieta

O 3º Encontro oficial do CEFLOMAR consolidou a aliança do coletivo com o *Parque Estadual da Ilha Anchieta* e reuniu, mais uma vez, juventudes diversas para uma vivência formativa e colaborativa. Esta edição contou com apoio financeiro da captação de recursos realizada por articuladoras do *Coletivo Educador Floresta e Mar*. Desta vez, destacou-se a maior participação de meninas, especialmente de contextos indígenas e periféricos — um avanço importante na construção da equidade. O encontro contou com a presença de jovens de vários bairros periféricos de Ubatuba, muitos dos quais nunca haviam visitado a Ilha, assim como no ano anterior, o que reforça o papel do projeto em ampliar o acesso aos espaços de educação ambiental e pertencimento territorial.

O tema escolhido para conduzir as atividades foi “Resíduos no Mar”, a partir do qual foram propostas reflexões sobre os impactos do lixo marinho nos ecossistemas costeiros e na saúde humana, promovendo consciência crítica e engajamento nas práticas de cuidado com o oceano. Além dos parceiros que já acompanham desde 2024, vale destacar neste encontro a presença da *Coco & Cia*, cooperativa de catadoras de Ubatuba liderada por mulheres negras. Sua participação foi fundamental para ampliar o debate sobre resíduos, trazendo à tona a realidade municipal — com ênfase nos impactos sociais e ambientais, incluindo as implicações na saúde pública.

Também estiveram presentes a artista-ceramista Érica e os artistas Pedra e Pedrinha, que propuseram criações artísticas com resíduos sólidos. Os materiais foram fornecidos pelo próprio *Parque Estadual da Ilha Anchieta* e pelo *Instituto Argonauta*, a partir de coletas realizadas em atividades regulares de monitoramento de praias. Suas propostas incentivaram a

transformação do lixo em linguagem estética e crítica, ampliando as possibilidades de expressão e engajamento da juventude participante.

Figura 6 - Obra desenvolvida durante 3º Encontro do CEFLOMAR no PEIA.



Discussão

As atividades do encontro com os jovens em Ubatuba foram dinâmicas e integradoras, desenvolvidas conjuntamente pelo *Coletivo Educador Floresta e Mar* e o *Parque Estadual da Ilha Anchieta* e da APA Litoral Norte, além da colaboração dos parceiros como o *Instituto Argonauta*, *Projeto Albatroz*, *Aldeia Rio Bonito*, entre outros.

Figura 7 - Trilha realizada na Ilha Anchieta



O caminho percorrido visou promover uma reflexão crítica sobre os aspectos sociais e ambientais do município e suas relações com a realidade dos participantes. A partir de atividades práticas e interativas, como rodas

de conversa e trilhas monitoradas, buscou-se estimular o diálogo e a conexão dos jovens com o ambiente ao seu redor. Assim como as práticas artísticas contribuem para a elaboração da visão sobre a conservação da natureza no contexto do território, incentivando a criação de pensamento contemporâneo frente aos desafios.

A partilha multicultural e a geração de vínculos que essas atividades proporcionam, são importantes para que os jovens se sintam incluídos e escutados. A construção de laços entre os jovens é importante para o bem estar da sociedade como um todo.

Figura 8: Roda de conversa



Também aconteceram as rodas de rimas, uma atividade criativa que incentivou a expressão verbal e artística dos jovens, promovendo uma forma de reflexão coletiva sobre os temas discutidos, além de valorizar algo que faz parte de seus cotidianos enquanto prática.

Figura 9 - Juventude Guarani-Mbya com Tupã Mirim, lideranças indígena da região das aldeias Rio Bonito e Boa Vista



Durante o segundo encontro, uma das oficinas de arte contou com a participação de um artista caiçara que compartilhou sua biografia e provocou os jovens a criarem seus próprios projetos artísticos. Esses projetos foram materializados em bancos espalhados pelo parque, que representam uma forma simbólica e duradoura de eternizar a presença dos jovens na unidade de conservação, além de trazer à tona os traços e símbolos da cultura caiçara, indígena e periférica.

No terceiro encontro, essa atividade de arte se expandiu para uma perspectiva global. Com o apoio de três artistas residentes em Ubatuba, os jovens foram apresentados a artistas do mundo todo que trabalham com resíduos, abordando como a arte pode ser uma ferramenta de transformação ambiental. Utilizando resíduos coletados em ações de limpeza de praia, a juventude criou suas próprias obras de arte, estabelecendo uma conexão direta entre o reaproveitamento de materiais e a expressão artística. Essas atividades não só estimularam a criatividade, mas também reforçaram a importância da conscientização ambiental e da responsabilidade coletiva.

Figura 10 - Juventude Guarani-Mbya, moradores da aldeia Rio Bonito (Suzana, Mara e Fabrício Werá) montando sua arte com resíduos do mar



Nós propusemos atividades de experimentação e criação de obras e objetos com resíduos de diferentes tipos, coletados antecipadamente na Ilha Anchieta, como por exemplo diversos tipos de plásticos (pets, canudos, tampinhas, objetos), pneus, metais e até cangalhas de balões. Primeiro foram apresentadas imagens de obras de artistas de vários locais do mundo, que trazem em sua pesquisa artística, questionamentos e reflexões sobre meio ambiente e Antropoceno. A partir daí os jovens foram para o espaço de criação e ao entrar em contato com todo o material disponível puderam colocar em prática seus pensamentos e preocupações relacionados a esses temas, usando a criatividade.

O resultado foi muito satisfatório, e o processo foi de extrema importância (Artista-Ceramista Érica Sanchez).

Segundo Melo e Silveira (2016, as ações) “artísticas ativistas” que acontecem em locais diferentes de museus e galerias de arte, como por exemplo as comunidades, promovem uma relação mais próxima entre “artista-público-objeto artístico”.

Quando essas ações são realizadas de forma compartilhada e aberta à comunidade, com inclusão real de todos, elas estimulam o conhecimento sobre uma produção artística que estimula o público ao pensamento crítico justamente por ser mais democrática. Numa dissertação sobre o ensino da arte e sua contribuição para o pensamento crítico (da Silva, 2021), a autora afirma que apesar de ser um espaço de contribuição individual, de maneira disciplinar ela contribui para a reflexão crítica da sociedade, e logo para a transformação social, pois o resultado da mesma individualmente, pode ter consequências na consciência coletiva.

Conclusão

Um dos resultados observados ao longo dos encontros foi a criação de um ambiente seguro, acolhedor e livre de julgamentos, que permitiu aos jovens se expressarem com autenticidade. Desde o início, foi priorizado um espaço de escuta ativa, respeito mútuo e valorização das diferentes formas de expressão, o que contribuiu para que os participantes se sentissem à vontade para compartilhar suas ideias, sentimentos e vivências.

Esse acolhimento ficou especialmente evidente durante as rodas de rima, em que os jovens destacaram o alívio e a satisfação de poder se expressar livremente, sem o medo de interrupções externas — como, por exemplo, intervenções policiais, que infelizmente fazem parte da realidade de muitos deles em outros contextos. A ausência desse tipo de vigilância e a construção de uma relação horizontal com os educadores e facilitadores foram fatores essenciais para o fortalecimento do vínculo com o grupo e para a confiança necessária ao processo criativo e reflexivo. Pode ser expresso também através das criações de colagem que produziram, assim como na oficina teatral.

Além disso, o cuidado com as necessidades básicas dos jovens, como alimentação e descanso, desempenhou um papel crucial na construção desse ambiente de acolhimento e visibilidade. Para muitos deles, essas ações representaram uma oportunidade rara de se sentirem respeitados e valorizados em um contexto social que, muitas vezes, os marginaliza. Um exemplo disso foi o relato de uma jovem vegana, que teve a experiência de poder comer uma moqueca de banana preparada exclusivamente para ela, sem precisar se adequar ao cardápio comum. Esse cuidado não apenas atendeu às suas necessidades alimentares, mas também demonstrou o

respeito pela sua identidade e escolhas. Da mesma forma, a possibilidade de pernoitar no *hostel* do parque, com camas arrumadas e um ambiente confortável, proporcionou a sensação de conforto — um espaço de dignidade e acolhimento que, para muitos, é raro em sua realidade cotidiana. Esse cuidado com os detalhes do bem-estar contribuiu para a criação de um local onde os jovens não se sentiram invisíveis, mas, ao contrário, puderam vivenciar uma experiência de pertencimento e respeito, o que foi fundamental para o sucesso do encontro.

Além disso, alguns participantes destacaram o quanto as atividades propostas durante os encontros foram inovadoras e significativas para eles, especialmente por se distanciar das dinâmicas cotidianas que muitas vezes envolvem desafios como a violência e o envolvimento com questões complexas, como o consumo de drogas. Ao se depararem com atividades criativas e transformadoras, os jovens sentiram que estavam vivenciando algo diferente e positivo, algo que não fazia parte de sua rotina. Esse afastamento das pressões e das realidades difíceis de seu cotidiano foi uma das experiências mais valorizadas, proporcionando a eles não apenas uma pausa da realidade, mas também a chance de se reconhecerem como agentes de transformação em suas próprias vidas e em suas comunidades.

Entretanto, durante a roda de fechamento, também emergiram falas que refletiam o choque com a realidade que enfrentam ao retornar aos seus lares e comunidades. Expressaram a preocupação com o retorno à rotina difícil, especialmente no que diz respeito à fome e à escassez de recursos. O contraste entre o cuidado e a acolhida vivenciada durante o encontro e os desafios diários, como a falta de alimentação adequada e o enfrentamento de condições precárias em suas comunidades, foi um tema entre as falas de despedida. Esse sentimento de "despertar" para as dificuldades do dia a dia reforçou a importância de continuar buscando alternativas e ações que possam, de alguma forma, mitigar essas desigualdades e gerar mais oportunidades para esses jovens.

O *Parque Estadual Ilha Anchieta* se mostrou um ambiente extremamente adequado para esses encontros, não apenas pela sua beleza natural e tranquilidade, mas também pela capacidade de proporcionar aos jovens um espaço de desconexão do cotidiano difícil e de vivência transformadora. A imersão na natureza e a possibilidade de vivenciar atividades educativas e culturais em um contexto seguro e acolhedor favoreceram a reflexão e a expressão livre dos participantes. Contudo, os resultados mais promissores só foram alcançados devido à força das parcerias estabelecidas, que garantiram o planejamento, a execução e o apoio contínuo ao longo do processo. Essas parcerias foram fundamentais para viabilizar ações com profundidade e impacto, permitindo que os jovens tivessem acesso a experiências que, de outra forma, poderiam estar além de seu alcance.

Os encontros e a dedicação do *Coletivo Educador Floresta e Mar* e o *Parque Estadual da Ilha Anchieta*, demonstram de forma prática a importância de disponibilidade de recursos - técnicos e financeiros - para o desenvolvimento de formações direcionadas à juventude, incentivando a criação de estratégias para a conservação da natureza, aliando-se a processos artísticos e cosmovisões, considerando o território de pertencimento, sua diversidade e importância nacional. Garantindo dessa forma, a formação de pessoas que irão contribuir com a preservação da biodiversidade, podendo ser projeto-piloto para outras unidades de conservação e espaços educadores.

Referências

ALVES, L.B. (2024). “Encruzilhadas Afrodecoloniais, Ubatuba entre apagamentos e silenciamentos das narrativas negras”. Tese, São Paulo.

BRASIL (2006). Ministério do Meio Ambiente. *Manual orientador dos Coletivos Jovens de Meio Ambiente*. Brasília, MMA, Departamento de Educação Ambiental. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/educacao-ambiental/publicacoes/manual-orientador-dos-coletivos-jovens-de-meio-ambiente.pdf> Acesso em: 29/07/2025.

IBGE (2011) INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro, IBGE.

____ (2022). INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa. Rio de Janeiro, IBGE. Disponível em: [IBGE | Cidades@ | São Paulo | Ubatuba | Panorama](#). Acesso em: 20/10/2025.

INSTITUTO ÁGUA E SANEAMENTO (2010). Disponível em: [O saneamento em UBATUBA | SP](#). Acesso em: 20/10/2025.

KASSIADOU, S. & SÁNCHEZ, L. (2013). “O coletivo jovem de meio ambiente e a política governamental de escolas sustentáveis: reflexões sobre possíveis diálogos com a justiça ambiental”, *Revista de Educação, Ciências e Matemática*, [S.l.], v. 3, n. 3, set./dez.: 196–213.

LOPES, T.C. & MONTEIRO, R.A.A. (2022). “O diálogo como ferramenta metodológica na formação de jovens ambientalistas: o caso do Coletivo Jovem Albatroz”, *Revbea*, São Paulo, V. 17, No1: 480-497. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/12353/9397> Acesso em: 20/10/2025.

MELO, V.P. & SILVEIRA, L.M. (2016). “Coletivo Gambiologia: por uma produção artística em favor do estímulo do pensamento crítico sobre a contemporaneidade”, *Ícone: Revista Brasileira De História Da Arte*, 2(2). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/icone/article/view/56757>. Acesso em: 20/10/2025.

SANT’ANNA NETO, J.L. (1990). “Ritmo climático e a gênese das chuvas na Zona Costeira Paulista. (Dissertação de Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, SP.

SILVA, M.F.T. (2021). “O ensino da arte e o seu contributo para o pensamento crítico”. Dissertação da Universidade do Porto. Portugal. *ProQuest Dissertations & Theses*, 30980920.

PETROBRAS & INSTITUTO PÓLIS (2013). *Relatório nº 6 Diagnóstico Urbano Socioambiental*. Município de Ubatuba, Base das informações até 2012, Revisão, março.

Sobre as autoras

Priscila Savio Moreira é bacharel em Oceanografia pela USP (2012), iniciou sua ligação com o Parque Estadual Ilha Anchieta ainda na graduação, em 2010, atuando como pesquisadora. Antes de se formar entrou para a Fundação Florestal como voluntária e depois se tornou monitora ambiental, sendo efetivada após sua formação e, desde cerca de 2014, conduz a gestão do Parque Estadual Ilha Anchieta. Com foco em educação ambiental, ordenamento da visitação, monitoramento e estruturação participativa, liderou investimentos na infraestrutura e trilhas acessíveis por meio de um projeto de compensação ambiental de aproximadamente R\$ 14 milhões. Seu trabalho valoriza a escuta ativa, mediação comunitária e o estreitamento de laços entre sociedade, ciência e conservação, inspirando boas práticas em outras áreas protegidas.

Yasmin Defacio Saracho é pesquisadora, educadora e artista-ceramista, especializada em Estratégias para a Conservação da Natureza. Atua como articuladora socioambiental e desenvolve projetos educacionais guiados pela cerâmica, entendendo o barro como tecnologia de memória, território e produção de conhecimento. Pesquisa a relação entre as expressões artísticas de povos originários e a preservação territorial. Colabora com a Aldeia Rio Bonito, fortalecendo articulações e estratégias de captação de recursos. Possui trajetória em coletivos jovens de meio ambiente, participou da 1ª turma do Coletivo Jovem Albatroz (2015–2023) e também da fundação do Coletivo Educador Floresta e Mar, em 2023. Desenvolve ações arte-

educativas que entrelaçam práticas cerâmicas, justiça climática e pedagogias ancestrais.

Ana Carolina Oliveira Souza é Caiçara nascida em Ubatuba, formou-se em engenharia florestal pela UFRRJ. Articuladora de coletivos sociais e também ambientais, não é profissional da arte, mas sabe a importância da mesma na educomunicação, que é uma metodologia de ensino usada nos coletivos educadores, como o coletivo educador floresta e mar.

Érica Sanches é nascida na capital de São Paulo, vive e trabalha em Ubatuba desde 2004. Tem bacharelado e licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade São Judas Tadeu e pós graduação em História de Arte pela mesma Universidade. Trabalhou como arte educadora em escolas estaduais, municipais e projetos sociais desde 1994 até 2022. Hoje atua como artista visual, ceramista e pesquisadora em arte contemporânea e arte educação, com projetos que envolvem exposições de arte e educação ambiental. Investiga temas relacionados a origem, transformação, tempo e memória. Seus interesses na área da Psicanálise, Filosofia e Biologia formaram seu repertório artístico e impulsionam sua criação.